

Teatro
4, 5 de abril 2014

Interpretação

de Jacinto Lucas Pires para Tiago Rodrigues
Um espetáculo do Mundo Perfeito

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Texto Jacinto Lucas Pires **Encenação e interpretação** Tiago Rodrigues **Grupo coral** Coro de Câmara e Sinfónico da Escola Superior de Música de Lisboa **Adaptação musical** Paulo Lourenço **Desenho de luzes** Thomas Walgrave **Apoio coreográfico** Mafalda Deville **Cenário, adereços e figurinos** Magda Bizarro e Tiago Rodrigues **Direção de produção e fotografia de cena** Magda Bizarro **Produção executiva** Rita Mendes **Apoio na produção** Catarina Vargas **Produção** Mundo Perfeito **Coprodução** Culturgest **Apoio** TAP Air Portugal

O Mundo Perfeito é uma estrutura financiada pela Presidência de Conselho de Ministros/Secretaria de Estado da Cultura/DGArtes, residente no Alcantara e associada a O Espaço do Tempo.

Sex 4, sáb 5 de abril

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h · M12

Coro de Câmara e Sinfónico da Escola Superior de Música de Lisboa

Direção musical

Carlos Hortmann,
Inês Lopes (alunos de
mestrado da ESML)

Sopranos

Adriana Rodrigues
Alexandra Fortes
Bárbara Costa
Célia Teixeira
Carolina Leal
Carolina Luís
Claire Santos
Clara Costa
Inês Lopes
Joana Alves
Joana Camacho
Juliana Branco
Luísa Mirpuri
Maria do Carmo Godinho
Maria Zwink
Maria Meireles
Mariana Godinho
Patrícia Coelho
Rafaela Seipião
Raquel Couto
Sara Dias
Sofia Vieira
Susana Nunes

Tenores

Alberto Araújo
Alberto Oliveira
Alexandre Guerra
André Teixeira
António Menezes

Avelino Abreu
Bruno Rodrigues
Carlos Hortmann*
Duarte Martins
João Almeida
João Barros
João Ceitil
João da Silva
João Freitas
João Ilano
João Pedro Neves
João Silva
Jorge Magalhães
Miguel Curado
Miguel Silva
Nuno Ribeiro
Nathanael Júnior
Paulo Santos
Pedro Finisterra
Rui Antunes

Altos

Adriana Rolão
Ágata Ricca
Ana Catarina Barros
Ana Sofia Luís
Beatriz Ortega
Carmen Serrano
Catarina Bispo
Frauke Marie Thöne
Jéssica Sá
Karolina Baptista
de Miranda
Margarida Simas**
Maria Fontes
Rita Machado
Raquel Marques
Rita Mendes
Rita Rodrigues
Sara Ross

Baixos

António Santos
Christoph Müller
Daniel Davis
Diogo da Costa
Fábio Cachão
Fernando Loura
Filipe Leal
Francisco Fontes
Hugo Reis
João Araújo
João Barata
João Costa
João Vieira
Jorge Ramos
Luís Salgueiro
Miguel Jesus
Paulo Fernandes
Pedro Lima
Pedro Tojal
Rodrigo Ayala
Romeu Gomes
Rui Borrás
Rui Pinheiro
Sérgio Lopes
Tomás Roça

* Maestro assistente

do Coro Geral

** Maestrina assistente
do Coro de Câmara

Joaquim é intérprete nas instituições europeias. Sentado atrás de um vidro, traduz os discursos dos outros. Um dia comete um erro – um errozinho, um pequeno falhanço, coisa mínima – que se transforma num gigantesco mal-entendido. O quê, a crise da União Europeia é culpa dele, afinal? Será possível? Como é que é, de repente a crise de identidade que o nosso Joaquim atravessa é a crise da Europa?

Um monólogo com oitenta e tal pessoas em palco, teatro da palavra cheio das melhores estatísticas, uma tragédia que é também uma comédia (nunca dá para explicar a coisa toda, assim a seco, nestes textos de apresentação). Eu-tu-ele, Eu-ro-pa.



© Magda Bizarro

O espelho vazio

Fazia, portanto, de conta que escrevia, para o enganar, porque ele também me espiava; e de repente, senti-o, tive a certeza de que ele me lia por cima do ombro, que estava ali, roçando-me a orelha.

Levantei-me, as mãos estendidas, voltando-me tão depressa que quase caí. E então?... via-se como em pleno dia, e não me vi no meu espelho!... Estava vazio, claro, profundo, cheio de luz! A minha imagem não estava lá dentro... e eu estava em frente! Via o grande vidro límpido de alto a baixo. E olhava para isto com os olhos desvairados; e já não ousava avançar, não ousava fazer um movimento, sentindo no entanto perfeitamente que ele estava ali, mas que me escaparia ainda, ele cujo corpo imperceptível tinha devorado o meu reflexo.

Como tive medo! Depois eis que de súbito comecei a aperceber-me numa bruma, ao fundo do espelho, numa bruma como através de um lençol de água; e pareceu-me que esta água deslizava da esquerda para a direita, lentamente, tornando mais precisa a minha imagem, a cada segundo. Era como o fim de um eclipse. O que me escondia não parecia ter quaisquer contornos nitidamente fixos, mas uma espécie de transparência opaca, clareando pouco a pouco.

Pude enfim distinguir-me completamente, tal como o faço todos os dias ao olhar-me.

Tinha-o visto! O pavor não desapareceu, e ainda me dá calafrios.

Guy de Maupassant, “Le Horla”, 1887

Uma sobreimpressão

É utópico acreditar que dois vocábulos pertencentes a dois idiomas e que o dicionário nos dá como tradução um do outro se refiram exatamente aos mesmos objetos. Formadas as línguas em paisagens diferentes e tendo em conta experiências distintas, é natural a sua incongruência. É falso, por exemplo, supor que o espanhol chama *bosque* à mesma coisa que o alemão chama *Wald*, e no entanto o dicionário diz-nos que *Wald* significa *bosque*. Se houvesse disposição para isso seria uma excelente ocasião para intercalar uma *aria di bravura* descrevendo o bosque da Alemanha em contraposição ao bosque espanhol. Poupo-vos a canção, mas reclamo o seu resultado: a clara intuição da enorme diferença que existe entre ambas as realidades. É tão grande que não só são sobrejuntamente incongruentes como o são também quase todas as suas ressonâncias intelectuais e emotivas.

Os perfis de ambos os significados são incoincidentes como as fotografias de duas pessoas tiradas uma sobre a outra. E como neste caso a nossa visão vacila e enjoa sem conseguir ficar com um ou outro perfil nem formar um terceiro, imaginemos a vagueza penosa que nos deixará a leitura de milhares de palavras às quais isto acontece. São, pois, as mesmas causas que produzem na imagem visual e na linguagem o fenómeno do *fou*. A tradução é o permanente *fou* literário, e como, por outro lado, aquilo a que costumamos chamar tontice não é senão o *fou* do pensamento, não estranhemos que um

autor traduzido nos pareça sempre um pouco tonto.

Ortega y Gasset, “La Miseria y el Esplendor de la Traducción”, 1937

A ideologia da frase

A Frase é hierárquica: implica dependências, subordinações, recções internas. Daí o seu acabamento: como é que uma hierarquia poderia permanecer aberta? A Frase é acabada; é precisamente: a linguagem que é acabada. A prática, nisto, difere muito da teoria. A teoria (Chomsky) diz que a frase é infinita (infinitamente catalisável) por direito, mas a prática obriga a acabar sempre a frase. “Qualquer atividade ideológica apresenta-se sob a forma de enunciados composicionalmente acabados”. Podemos também inverter esta proposição de Julia Kristeva: qualquer enunciado acabado corre o risco de ser ideológico. Com efeito é o poder de acabamento que define o domínio frástico e que marca os agentes da Frase com habilidade suprema, dificilmente adquirida, conquistada. O professor é aquele que acaba as frases. O político entrevistado tem uma visível dificuldade em imaginar um fim para a sua frase: e se se atrapalhasse? Toda a sua política seria atingida!

Roland Barthes, *O Prazer do Texto*, 1973

A dívida do tradutor

O título [“A Tarefa do Tradutor” de Walter Benjamin] diz também, desde a sua primeira palavra, a tarefa (*Aufgabe*), a missão a que se está (sempre pelo

outro) destinado: o compromisso, o dever, a dívida, a responsabilidade. Está desde logo em jogo uma lei, uma injunção a que o tradutor tem de responder. Tem também de pagar, e qualquer coisa que implica talvez uma falha, uma queda, uma falta, mesmo um crime. O ensaio tem por horizonte, vê-lo-emos, uma “reconciliação”. E tudo isto num discurso que multiplica os motivos genealógicos e as alusões – mais ou menos metafóricas – à transmissão de uma semente familiar. O tradutor está em dívida, surge como tradutor na situação da dívida; e a sua tarefa é a de devolver, devolver o que deve ter sido dado. Entre as palavras que respondem ao título de Benjamin (*Aufgabe*, o dever, a missão, a tarefa, o problema, o que é atribuído, dado para fazer, dado para devolver), há desde o início *Wiedergabe*, *Sinnwiedergabe*, a restituição, a restituição do sentido. Como entender uma tal restituição, ou mesmo um tal pagamento? E quanto ao sentido? Quanto a *aufgeben*, é também dar, expedir (emitir, missão) e abandonar.

Jacques Derrida, “Des Tours de Babel”, 1985

O singular universal

O que é na realidade, para Rancière, a Política? Um fenómeno que, pela primeira vez, apareceu na Grécia Antiga quando os membros do *demos* (os que não beneficiavam de qualquer posição claramente determinada no edifício social hierarquizado) não reclamaram apenas que as suas vozes fossem ouvidas contra os que detinham o

poder, exerciam o controlo social – não protestaram apenas contra a *injustiça* que sofriam e não exigiram apenas que as suas vozes fossem ouvidas, reconhecidas como fazendo parte da esfera pública, em pé de igualdade com a oligarquia e a aristocracia dominantes –, mas, muito mais do que isso, quando os excluídos, que não beneficiavam de qualquer justo lugar no interior do edifício social, se apresentaram como os representantes, os porta-vozes da Sociedade no seu conjunto, em nome de uma autêntica universalidade (“Nós – os ‘sem-parte’ –, que não somos tomados em conta na ordem social, somos o povo; estamos TODOS JUNTOS contra aqueles que não defendem mais do que os seus interesses privilegiados particulares”). Em resumo, o conflito político designa a tensão entre o corpo social estruturado, dentro do qual cada parte

ocupa o seu lugar, e a afirmação de que “há uma parte dos sem-parte” que vem abalar essa ordem em razão do princípio de universalidade vazio, daquilo a que Balibar chama a *igualdade*, a igualdade de princípio de todos os homens *enquanto* seres dotados de palavra. O *próprio* da política induz sempre, portanto, uma espécie de curto-circuito entre o universal e o particular: o paradoxo de um *singular universal* (...). Slavoj Žižek, *Elogio da Intolerância*, 2004

Mau francês prolonga conflito de Rússia e Geórgia

O acordo de cessar-fogo do mês passado girava em torno da criação de “zonas-tampão” entre a Rússia e as regiões separatistas georgianas da Ossétia do Sul e da Abecásia que são agora



© Magda Bizarro

efetivamente controladas pelo Kremlin. O acordo foi negociado por Nicolas Sarkozy, o presidente francês cujo país ocupa atualmente a presidência da UE. Mas o sucesso diplomático original tornou-se um falhanço embaraçoso quando a Rússia não retirou as suas tropas do território principal da Geórgia.

Bernard Kouchner disse numa reunião dos Ministros dos Negócios Estrangeiros da UE no fim de semana que o acordo de cessar-fogo tinha sido escrito em francês antes de ser traduzido para inglês e depois para russo. Quando perguntado sobre os problemas que rodeavam as zonas-tampão, Kouchner respondeu: “a tradução, como sempre.”

(...)

Uma razão para a continuação do conflito parece agora ser uma passagem na tradução russa do acordo que fala de segurança “para” a Ossétia do Sul e a Abecásia. A versão inglesa fala de segurança “nas” duas áreas.

A diferença é crucial, porque a Rússia continua a manter os seus tanques e tropas “em” território georgiano. A comunidade internacional, por seu turno, quer segurança “para” a Ossétia do Sul e a Abecásia sem que o exército russo permaneça na Geórgia.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros russo Serguei Lavrov concordou que a linguagem do cessar-fogo faz com que o seu país pareça um agressor. Disse que a interpretação georgiana “contém uma série de distorções”, incluindo a substituição da preposição “para” por “em”.

Peter Allen, *The Daily Telegraph*, 7 de setembro de 2008

IVG: como um erro de tradução falseou o voto do Parlamento Europeu

São quase 13h de terça-feira, 10 de dezembro, no hemiciclo do Parlamento Europeu em Estrasburgo. Dentro de uma dezena de minutos, o relatório da deputada socialista portuguesa Edite Estrela será submetido a votação. Não se trata de uma lei, mas de um texto sem verdadeiro alcance legislativo. No entanto o símbolo é imenso. O projeto visa fazer do aborto “um direito europeu”. (...)

Já em outubro, aquando de uma primeira tentativa de votação do texto em sessão pública, Estrela tinha sido assobiada e o seu projeto adiado. Desta vez, organizou-se uma coligação de direita, reunindo o Partido Popular Europeu e alguns deputados “não-inscritos” (...). Foi proposta uma “moção alternativa”. Esta última defende que a Europa não tem de se ocupar com estes assuntos, que os Estados são soberanos na matéria e propõe deixar cair incondicionalmente o texto original.

Eis porque Edite Estrela pede para tomar a palavra alguns minutos antes da votação. Deseja que tudo fique bem claro no espírito dos deputados: para fazer passar o seu texto, é preciso votar contra a moção alternativa. (...)

A deputada toma a palavra na sua língua natal, o português. Nas cabines envidraçadas que rodeiam o hemiciclo, os intérpretes apressam-se a traduzir o seu discurso nas 24 línguas representadas no parlamento. Após uma curta introdução, expõe a sua indicação de voto: a rejeição da moção alternativa.

Mas nos auriculares que transmitem as vozes dos intérpretes francês e alemão, a sua frase tornou-se: “Peço-vos, caros colegas, que apoiem a resolução alternativa para permitir que o meu relatório seja votado.” (...)

Alguns minutos depois da declaração de Edite Estrela, tem lugar a votação. Os deputados têm então exatamente doze segundos para tomar a sua decisão e carregar num dos três botões que integram a sua caixa, “A favor”, “Contra” ou “Abstenção”. Doze segundos cruciais que encerram meses de debate sobre os direitos e liberdades das mulheres na Europa. Resultado, a moção alternativa é adotada com 334 votos a favor e 327 contra. Por 7 votos, o relatório Estrela é abandonado.

(...)

Díficeis de avaliar com precisão, as consequências deste duplo erro (em francês e alemão) são claramente amplificadas pelo sistema de interpretação “em estafeta”. Traduzir 24 línguas entre si dá 552 sentidos de tradução possíveis. Um quebra-cabeças. Por razões práticas, a União Europeia decidiu designar cinco intérpretes principais: o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e o italiano. Servem de referentes aos outros, que traduzem em diferido. Assim, todos os intérpretes ligados nos canais francês e alemão foram induzidos em erro, repetindo por sua vez o contrassenso. Os deputados romenos e búlgaros fazem por exemplo parte destas vítimas por ricochete.

Se Olga Cosmidou, Diretora Geral na Direção de Interpretação e Conferências do Parlamento, não quis

comentar o caso particular desta votação, estima que “o alibi da má interpretação é frequentemente utilizado para esconder problemas políticos”. Como atenuante dos intérpretes, Edite Estrela, conhecida por ser amante da língua, utilizou o termo português “rejeitar” numa forma complexa. Tornar-se-ia “reject” em inglês e “appuyer” em francês.

Como saber então se o discurso mal traduzido de Edite Estrela influenciou ou não o voto dos deputados? No registo escrito da sessão, aparece um número anormalmente elevado de “correções de voto”. Já que o Parlamento permite que os seus deputados modifiquem o seu voto inicial durante o dia. Uma disposição de pura forma. O regulamento é claro: qualquer pedido de correção expresso *a posteriori* é registado, mas não altera o resultado da votação. Para as 39 votações da sessão parlamentar de dezembro, é raro ver mais do que uma ou duas correções. Mas para a votação do relatório Estrela, 11 deputados introduziram correções, dos quais 8 acabaram por votar contra a moção alternativa da direita.

(...) Pode supor-se que nem todos os deputados se deram ao trabalho de se deslocar para declarar publicamente terem carregado no botão errado. Mas no mínimo, se as correções declaradas tivessem sido incluídas, o parlamento encontrar-se-ia num impasse, com 334 votos a favor, 334 votos contra.

Basile Lemaire, *Les Inrockuptibles*, 17 de dezembro de 2013

Canções

Textos de Jacinto Lucas Pires,
adaptação musical de Paulo Lourenço

Efeito bola de neve

(Choral N.º15, adaptado da *Paixão Segundo São Mateus* de J. S. Bach)

Fixe é não fazer nada
triste é não fazer puto
Quando Joaquim para
os outros dão no duro
colegas de outras línguas
perdidos na tradução
bem, por via das dúvidas
corrigem o alemão

É o efeito dominó
ou talvez o borboleta
ou o bola de neve ou
teoria da batata:
Um erro se for certo
gera erro tão maior
no fim o que era erro
já é só um pommenor

Foi hoje o amanhã
e é assim que aquela
“felicidade” alemã
se torna agora nesta –
oh “infelicidade”
de todos, europeia
A tradução não é má
a coisa é que está feia

Os deuses no metro

(adaptado de *Bogoróditse Dyévo*
de Arvo Pärt)

Metro, cabeça vazia, a dormir
a ler livros tão fáceis sobre o quê
deuses da Europa, os deuses da Europa
feitos de desejos, sonhos, horror e sono

Música nos ouvidos, nada
resto de um som
eco de que luz
que palavra diz este cabisbaixismo
sem palavras, mil palavras de dizer que

Metro, cabeça vazia, a dormir
medo barra alegria, a pensar no que é
resto de um som
eco de luz
metro, cabeça vazia, a dormir
o quê barra Europa, deuses somos nós

O terrorismo de olhar o próximo

(“Va pensiero”, adaptado da ópera
Nabucco de G. Verdi)

Tanta gente de cara fechada
como se olhar um outro olhar
nos pudesse por exemplo matar,
um olhar basta pra confundir

horas e pausas, a chuva e o sol
a coisa-muito e o zero-nada
vida e dívida, norte e sul
e, sim, nunca podemos fugir

a nós mesmos ao ver outra pessoa
a alma grande ou breve, quebrada
o zero-muito e a coisa-nada
que há no coração de um cidadão

de Atenas, Berlim ou Lisboa
quão cabisbaixo autoritarismo
como se hoje fosse terrorismo
levantar o nosso olhar do chão

levantar nosso olhar do chão (2x)

Post-it

(adaptado do motete *Adeste Fideles*
de John Francis Wade)

“Se queres achar-te
anda, vem daí
eu estou em Portugal
e espero por ti
Sou tu, tu és eu
mas, querido Joaquim,
se te peço que venhas (3x)
não é só por mim”

Era o que dizia
no post-it colado
no autoclismo
imaculado
Mas uma rima
não salva a situação
hoje é mesmo sim ou não (3x)
interrogação

Hino da Alegria Estatística

(Hino da Alegria, adaptado
da 9.ª Sinfonia de L. V. Beethoven)

Em 2009 41,8%
da população da União Europeia vivia
num apartamento
34,4% numa habitação unifamiliar
e 23% vírgula nada
numa casa geminada

Casas geminadas é mais Países Baixos,
Reino Unido e Irlanda
Apartamentos é mais na Letónia, na
Estónia e na Espanha

Mais de um quarto do povo europeu
vive sob um empréstimo ou uma
hipoteca
não tem nada a ver mas Portugal é dos
últimos
no ranking do uso da bicicleta

Falando de coisas sérias
o salário mínimo na Europa
varia entre 123
e 1758 euros brutos por mês

No PIB per capita a Alemanha está aí
uns 22 pontos acima da chamada
euromédia
Mas em 2010 a menor taxa de suicídios
foi registada na Grécia

Num ano inteiro, neste nosso país
houve 0.8 espectadores
de espetáculos ao vivo por habitante
não é assim muito brilhante

Mas o que importa não é a quantidade
é a possibilidade e investimento nos
amanhãs
e, a propósito, importámos
56.234 coxas de rã



© Magda Bizarro

Jacinto Lucas Pires

Publicou vários livros pela editora Cotovia, entre os quais *Azul-Turquesa* (ficção, 1998), *Livro Usado* (viagem ao Japão, 2001), *Do Sol* (romance, 2004), *Perfeitos Milagres* (romance, 2007), *Assobiar em Público* (contos, 2008) e *O Verdadeiro Ator* (romance, 2011). É o autor de *VAMOS*, em parceria com o fotógrafo Tiago da Cunha Ferreira, um livro de não-ficção sobre dezasseis jovens africanos ou descendentes de africanos em Portugal. Escreve peças de teatro para diferentes grupos e encenadores, das quais se podem destacar *Universos e Frigoríficos* (1998, enc. Manuel Wiborg), *Figurantes* (2004, enc. Ricardo Pais), *Os Vivos* (2007, enc. João Brites), *Silenciador* (2008, enc. Marcos Barbosa – na Culturgest em 2009), *Sagrada Família* (2010, enc. Catarina Requeijo, estreia na Culturgest), *Tu És O Deus Que Me Vê* (2010, enc. Luís Mestre), *Exactamente Antunes* (2011, enc. Cristina Carvalhal e Nuno Carinhas), *Cidade Domingo* (2012, enc. João Henriques), *Adalberto Silva Silva* (2012, monólogo para Ivo Alexandre). Traduziu as peças *Thom Pain* de Will Eno (Culturgest, 2006), *Ácido Desoxirribonucleico* de Dennis Kelly (PANOS 2008) e *A Febre* de Wallace Shawn. Realizou duas curtas-metragens, *Cinemaamor* (1999) e *B.D.* (2004). Faz parte, com Tomás Cunha Ferreira, da banda Os Quais – que lançou um *Meio Disco* em 2009 e um disco inteiro em 2012, *Pop é o contrário de pop*. Foi-lhe atribuído em 2008, pela Universidade de Bari/Instituto

Camões, o Prémio Europa – David Mourão-Ferreira.

Tiago Rodrigues

É ator, dramaturgo e encenador, e um dos mais relevantes artistas do teatro contemporâneo em Portugal. Com a sua companhia, Mundo Perfeito, criou cerca de 30 peças durante a última década. Tem também colaborado com outras companhias, coreógrafos e cineastas. Tem ainda dedicado uma parte da sua atividade ao ensino, à curadoria e ao desenvolvimento de projetos artísticos comunitários. O seu trabalho tem sido apresentado nalguns dos mais importantes teatros e festivais da Europa, América Latina e Médio Oriente. Tem colaborado com artistas da Bélgica, Líbano, Holanda e Brasil. Profundamente enraizado numa tradição de teatro coletivo, as suas últimas peças destacam-se pela forma como manipulam documentos com ferramentas teatrais, combinando as vidas pública e privada e desafiando a nossa perceção de fenómenos históricos e sociais.

Na Culturgest: *Duas Metades* (2007), *Coro dos Maus Alunos* (PANOS 2009) e *Tristeza e Alegria na Vida das Girafas* (2011).

Paulo Lourenço

Doutorado pela Universidade de Cincinnati, estudou com Stephen Coker (Direção Coral) e Mark Gibson (Direção de Orquestra), tendo trabalhado como Teacher Assistant e Assistant

Conductor no University of Cincinnati Chamber Choir. É Professor Adjunto na ESML, onde é coordenador do Mestrado em Direção Coral. É maestro assistente do Coro Gulbenkian desde 2013, tendo trabalhado com Simone Young, Paul McCreech, Lawrence Foster, Alain Altinoglu e Joana Carneiro, entre outros. É frequentemente convidado por universidades e outras instituições de ensino americanas, asiáticas e portuguesas para ministrar Master Classes e palestras onde tem divulgado a música e os compositores Portugueses. Apresentou-se quer como maestro convidado ou dirigindo os seus próprios agrupamentos em Espanha, França, EUA, Holanda, Turquia, Tailândia, Macau, Brasil, Islândia, Israel, Singapura e Hong Kong. Foi membro fundador do quarteto TETVOCAL, com o qual realizou centenas de concertos em Portugal e no estrangeiro. A sua discografia inclui 11 CDs para as etiquetas EMI/VC, RCA/Victor, Movieplay, CMM e Key Records. A sua atividade discográfica também se estende à produção musical, nomeadamente na colaboração com Rodrigo Leão. É diretor artístico do festival VOCALIZZE e do Summer Choral Fest que decorre anualmente em junho no CCB, integrado nas Festas de Lisboa. Foi recentemente nomeado Musical Advisor da EUROPA CANTAT para o biênio 2014-16.

Thomas Walgrave

Estudou História de Arte e fez uma pós-graduação em Antropologia Cognitiva,

tendo-se especializado em sociedades nômadas. Colaborou com o Centro de Artes Monty em Antuérpia nas áreas de promoção e produção. Colaborou com várias companhias flamengas, holandesas e internacionais como os Forced Entertainment, Wooster Group, Peter Halash & Love Theatre. Faz desde 1991 parte da direção artística da companhia tg STAN, onde foi responsável pela cenografia e/ou desenho de luzes de mais de 50 produções. Viajou com estes espetáculos pela Europa, pelos Estados Unidos, pelo Médio Oriente e Norte de África. Fez também a maior parte do design gráfico da companhia, tal como a fotografia. Fez cenografia e desenho de luzes para criações de Anne Teresa De Keersmaeker, Magda Reiter, Andy Deneys, dito'dito, Roberto Olivan. Fez cenografia, desenho de luzes e figurinos para Stephane Olry. Fez desenho de luz para um projeto no teatro do Epidauro com Michael Marmarinos. Desde 2005, em Portugal, trabalhou enquanto cenógrafo e/ou desenhador de luz com artistas como Lúcia Sigalho, Claudia Müller e Cristina Blanco, João Galante e Ana Borralho, Miguel Pereira e Karima Mansour, Gustavo Ciriaco e Andrea Sonnberger, Dani Lima e Sodja Lotker, com Tiago Rodrigues, Vera Mantero, João Fiadeiro, Rabih Mroué e Tony Chakar, Ricardo Araújo Pereira e outros. Publicou artigos sobre luz na revista de teatro flamenga *Etcetera* e nos cadernos do Vlaams-Nederlands Theater Festival. Publicou uma série de páginas sobre os STAN na revista francesa *Mouvement*. Desde 2009 é diretor artístico do Alkantara.

Mafalda Deville

Formou-se na London Contemporary Dance School of the Place. Trabalhou como bailarina e coreógrafa no BCN – Ballet contemporâneo do Norte. Com a Jasmin Vardimon Company trabalha como intérprete e mais tarde também como assistente de coreografia e diretora do projeto educacional. Foi assistente artística para a produção da Companhia Instável *Assim, Tipo... Dança Contemporânea* de Tiago Rodrigues. Destaca como coreógrafa/intérprete *freelancer* produções como *10min. of Coffee, Kouglof, I prefer to stand... symbolically, Mata-me em Séries, Eu mais a 1 criança mais as 16 mulheres, Porto S. Bento* de Nuno Cardoso e *Dance/Film* dirigido por Israel Pimenta. Como coreógrafa destaca, para Sadlers Wells Theatre em Londres: *Sum of Parts, Compass, The Riot ofspring* e também *Spring* para a Company of Elders; *Transforming Steps* para mulheres vítimas de abuso e tráfico sexual em Calcutá; *Silence* para a JV2 company em Londres; *Medin Name ist Mensch* para Occupy Theatre em Stralsund; *Murmur* para a CAT Company em Londres. Leciona na Royal Holloway University e em várias escolas portuguesas. Tornou-se Artista associado da Companhia Instável em 2013.

Magda Bizarro

Licenciada em Química, foi investigadora científica antes de iniciar o seu percurso nas artes. Após ter colaborado com alguns grupos de teatro como

produtora executiva e fotógrafa de cena durante a década de 90, criou a companhia Mundo Perfeito em colaboração com Tiago Rodrigues em 2003. É diretor de produção e responsável administrativa do Mundo Perfeito, tendo contribuído para a concretização de mais de 30 espetáculos produzidos pela companhia. Tem assumido um papel nas decisões artísticas relacionadas com cenário, figurinos, fotografia de cena, divulgação e desenvolvimento dramaturgico. Tem também desenvolvido trabalho premiado na área da fotografia, com a sua e outras companhias. Recentemente, mostrou algumas das suas obras na exposição *O Desconcerto do Mundo* durante as celebrações do 10.º aniversário do Mundo Perfeito.

Rita Mendes

Licenciada em Enfermagem, exerceu funções como enfermeira até 2010. Frequentou a Escola Superior de Dança e em 2009 inicia os estudos na Faculdade de Letras de Lisboa em Estudos Artísticos. Tem vindo a colaborar em projetos vários como intérprete (*Drifting* de Gustavo Ciriaco e António Pedro Lopes, *World of Interiors* de Ana Borralho e João Galante e *MONSTER* de Carlota Lagido), criadora e assistente de produção (Alkantara 2012). Trabalha com o Mundo Perfeito como assistente de produção desde 2013. Faz parte do coletivo Westwood & Strides dedicado à ilustração com colagem.

Mundo Perfeito

O Mundo Perfeito tem combatido as forças do mal desde 2003, ano em que nasceu na cozinha de um T2 na Amadora. O seu nome traduz a ironia dum olhar crítico sobre o presente e o idealismo dum olhar otimista face ao futuro. É também um nome que faz as pessoas sorrir, seja por que razão for. Organizado em volta do trabalho artístico de Tiago Rodrigues, que partilha a direção com Magda Bizarro, o Mundo Perfeito é reconhecido pela qualidade do seu trabalho, por uma atividade intensa e pela permanente tentativa de inovar e de se reinventar. Além de produzir o trabalho artístico de Tiago Rodrigues, esta pequena estrutura destaca-se também pelo trabalho com autores e no campo da nova dramaturgia, bem como pelo espírito de colaboração com artistas nacionais e internacionais. No plano da dramaturgia, o Mundo Perfeito organizou o projeto *Urgências*, que deu origem a três espetáculos e levou à cena mais de duas dezenas de peças de dramaturgos portugueses. Recentemente, em *Hotel Lutécia*, Tiago Rodrigues dirigiu textos de alguns dos mais importantes novos autores portugueses a par de textos inéditos de criadores internacionais como Tim Etchells ou Nature Theater of Oklahoma. Ainda ao nível da colaboração com artistas internacionais, destacam-se as criações *Berenice* em coprodução com a companhia belga tg STAN (Culturgest, 2005), *Yesterday's Man* de Tiago Rodrigues com os artistas libaneses Tony Chakar e Rabih Mroué, e o projeto *Estúdios*, que

desde 2008 tem dado origem a vários espetáculos, promovendo a colaboração de artistas portugueses com criadores norte-americanos, holandeses, belgas, croatas, franceses, escoceses, congolese e brasileiros. Contando com mais de três dezenas de produções, o Mundo Perfeito já apresentou os seus trabalhos em teatros e festivais em países como Portugal, França, Reino Unido, Noruega, Suécia, Espanha, Eslovénia, Suíça, Líbano, Brasil, Itália, Bélgica, Holanda e Singapura. Nos últimos anos, tem apostado no trabalho de alguns jovens criadores e continuará a produzir artistas emergentes. Entre os trabalhos mais recentes produzidos pelo Mundo Perfeito, destacam-se *Se uma Janela se Abrisse*, *Tristeza e Alegria na Vida das Girafas* (Culturgest, 2011) e *Três Dedos Abaixo do Joelho* (Globo de Ouro para o Melhor Espetáculo de Teatro de 2012).

Coro Sinfónico da ESML

O Coro Sinfónico da ESML congrega as classes de Coro de Câmara e Coro Geral da instituição, que se juntam para interpretar o grande repertório coral sinfónico. Entre o variado repertório que tem apresentado destacam-se *Une Cantate de Noel* e *Roi David* de Honegger, *Te Deum* de Bruckner e *Gloria* de Poulenc, *Te Deum* de Händel com a Orquestra Sinfónica da ESML; *Carmina Burana* com a Filarmonia das Beiras; *Celebrations* de Vincent Persichetti e *Cantata de Dom Garcia* de Joly Braga Santos com a Orquestra de Sopros da ESML. Recentemente, o Coro Sinfónico da ESML atuou com o seu

elenco feminino cantando *Os Planetas* de Holst, no Grande Auditório da FCG com a Orquestra Gulbenkian sob direção de Krzysztof Urbanski e no Festival das Artes (Coimbra) cantando *Sonho de uma Noite de Verão* de Mendelssohn sob direção de Pedro Neves. Em junho de 2013, foi galardoado com uma medalha de ouro no Summer Choral Festival, na categoria de música sacra, interpretando obras de Arvo Pärt, Eurico Carrapatoso e Manuel Cardoso. Tem como maestros assistentes Carlos Hortmann e Margarida Simas.

Coro de Câmara da ESML

É um agrupamento que visa proporcionar uma prática coral de excelência aos seus alunos expondo-os, durante o seu ciclo letivo, ao mais variado tipo de repertório. O Coro é formado por alunos oriundos das áreas de Direção Coral/Formação Musical, Canto, Composição, Guitarra, Harpa e Instrumentos de Tecla. Ao longo dos últimos anos, e graças ao facto de esta disciplina estar disponível aos alunos de outras áreas, o coro tem sido enriquecido por elementos vindos da área de Orquestra e de Jazz. Tem-se apresentado em concerto com um repertório variado que abrange períodos que vão desde o Renascimento até à música contemporânea, incluindo obras em estreia absoluta de alunos da própria escola. Das suas apresentações públicas destacam-se: *Weihnachts-Oratorium* BWV 248 (Cantata I) e *Magnificat* de J. S. Bach, *Cantata Verbum Caro* de Nuno Côrte-Real, *Requiem* de Charpentier, *Rejoice in*

the Lamb de B. Britten, *Coronation Anthems* de G. F. Händel, *Chichester Psalms* de Leonard Bernstein, *Lauda per la Natività del Signore* de Ottorino Respighi (Festival de Música de São Roque, 2009), *Come Holy Ghost* de Jonathan Harvey e *Painting Word Painting* de Carlos Caires em conjunto com a Orquestrutópica (CCB, 2009), *Psalms 42* de Felix Mendelssohn (Lisboa e Évora, 2009), concerto VOCALIZZE (CCB, 2010), *Magnificat & Nunc Dimittis* de Tarik O'Regan (Grande Auditório da ESML, 2010) e concertos e gravação do CD *Ave Mundi* com Rodrigo Leão (Coliseum de Lisboa e Porto, 2010). Para além da apresentação de *Roi David* de Honegger (Lisboa e Évora, dezembro 2010), em conjunto com a Orquestra Sinfónica da ESML, o Coro de Câmara da ESML realizou em 2011 no CCB o programa *A Noite* com o pianista Miguel Henriques, a primeira audição portuguesa de *Celebrations* de Vincent Persichetti em parceria com a Orquestra de Sopros da ESML, o *Gloria* de Poulenc e o *Te Deum* de Bruckner. Em 2012 participou no concerto de abertura do Summer Choral Fest e no Festival de Música de Leiria, apresentando, pela primeira vez em Portugal, a edição Levin do *Requiem* de Mozart em conjunto com o coro ONE (Singapura) e a Orquestra Filarmonia das Beiras. Apresentou-se em concerto, em abril de 2013, no concerto de encerramento do Ankara International Music Festival para apresentar a 8.ª Sinfonia de G. Mahler em conjunto com a Bilkent Symphony Orchestra e o Wrocław Philharmonic Choir. Foi galardoado

com duas medalhas de ouro em dois anos consecutivos no Summer Choral Fest. O Coro de Câmara da ESML tem como titular o maestro Paulo Vassalo Lourenço e como assistente a maestrina Margarida Simas.

Próximo espetáculo

Homenagem a Frédéric Back

Cinema Dom 6 de abril

Grande Auditório · 15h e 16h30

Entrada gratuita · M6



Retrospectiva do cineasta canadiano, que nos seus filmes animados lutava pela proteção da natureza e pela alteração do comportamento dos homens e da economia que colocam o planeta em risco. Foi nomeado quatro vezes para os Óscares, tendo sido galardoado com dois.

Próximo espetáculo de teatro

PANOS

palcos novos palavras novas

Teatro Sex 16, sáb 17, dom 18 de maio

Pequeno Auditório e Palco do Grande

Auditório · M12



Os PANOS juntam a nova escrita para teatro ao teatro que é feito nas escolas ou por grupos juvenis. Pela nona vez, mais de trinta grupos de todo o país encenam uma das três peças oferecidas. Este ano os textos são de Gonçalo M. Tavares, Lucinda Coxon e Sandro William Junqueira.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Ramos

Mariana Cunha

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
